

PFNM e os Tupinambá do Acuípe: identificação e registro a partir do uso pela comunidade

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que objetivou identificar, registrar e descrever os produtos florestais não madeireiros (PFNM) a partir das indicações de uso pela comunidade indígena Tupinambá do Acuípe, localizada entre os municípios de Ilhéus e Una, no Litoral Sul do Estado da Bahia. O estudo contou com recursos do CNPq e apresenta aderência à área tecnológica IV – Desenvolvimento Sustentável, setor I - Cidades Inteligentes e Sustentáveis. As técnicas de Pesquisa utilizadas para coleta de dados foram: registro fotográfico e entrevista virtual com as/os membras/os da comunidade encarregadas/os pela coleta da matéria-prima e com as artesãs e artesãos. As espécies foram identificadas com base nos dados disponíveis na Plataforma ReFlora (Herbário Virtual) e no SpeciesLink. Constatou-se que 15 espécies vêm sendo extraídas e predominantemente utilizadas para construção vernacular de edificações, confecção artesanal de utensílios domésticos e decorativos, e de elementos ritualísticos tais como vestimentas, biojóias e armas: Tucum (*Astrocaryum* sp.), Biriba (*Eschweilera ovata*), Piaçava (*Attalea funifera*), Cabaça (*Lagenaria siceraria* Curcubitaceae), Coco seco (*Coccoloba nucifera*), Taboa (*Thypha domingensis*), Mamica – de – porca (*Zanthoxylum rhoifolium*), sementes de Fedegoso (*Senna* sp.), Açaí (*Euterpe oleracea*), Olho de cabra (*Ormosia arborea*), Olho de pavão (*Adenanthera pavonina*), Lágrima de Nossa Senhora (*Coix lacryma-jobi*/ Poaceae), Tapia (*Mimusops coriacea* A. DC.), Biri (*Canna indica*) e Coquinho – Licuri (*Syagrus coronata*). Alguns dos produtos florestais não madeireiros são comercializados e representam fonte de renda complementar para a comunidade.

Palavras-chave: PFNM; Tupinambá; Vernacular; Artesanato.

NWFP and Tupinambá from Acuípe: identification and registration based on use by the community

This paper presents the results of the research that aimed to identify, record and describe non-wood forest products based on indications for use by the Tupinambá indigenous community (Acuípe), located between the municipalities of Ilhéus and Una, on the southern coast of the state from Bahia. The study was funded by CNPq and is in line with technological area IV – Sustainable Development, sector I – Smart and Sustainable Cities. The research techniques used for data collection were: photographic record and virtual interview with the community members in charge of collecting the raw material and with the artisans. The species were identified based on data available on the ReFlora Platform (Virtual Herbarium) and on SpeciesLink. It was found that 15 species have been extracted and predominantly used for vernacular construction of buildings, handcrafted domestic and decorative utensils, and ritual elements such as clothing, bio-jewels and weapons: Tucum (*Astrocaryum* sp.), Biriba (*Eschweilera ovata*), Piaçava (*Attalea funifera*), Cabaça (*Lagenaria siceraria* Curcubitaceae), Coco seco (*Coccoloba nucifera*), Taboa (*Thypha domingensis*), Mamica – de – porca (*Zanthoxylum rhoifolium*), sementes de Fedegoso (*Senna* sp.), Açaí (*Euterpe oleracea*), Olho de cabra (*Ormosia arborea*), Olho de pavão (*Adenanthera pavonina*), Lágrima de Nossa Senhora (*Coix lacryma-jobi*/ Poaceae), Tapia (*Mimusops coriacea* A. DC.), Biri (*Canna indica*) and Coquinho – Licuri (*Syagrus coronata*). Some of the non-wood forest products are traded and represent a source of complementary income for the community.

Keywords: NWFP; Tupinambá; Vernacular; Craftsmanship.

Topic: **Uso Sustentável da Biodiversidade**

Received: **10/06/2021**

Approved: **11/07/2021**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Calline Chaves de Jesus

Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4224850665980683>
callinejesus@hotmail.com

Silvia Kimo Costa 

Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9149115967689036>
<http://orcid.org/0000-0002-2191-3365>
skcosta@ufsb.edu.br



DOI: 10.6008/CBPC2318-2881.2021.003.0004

Referencing this:

JESUS, C. C.; COSTA, S. K.. PFNM e os Tupinambá do Acuípe: identificação e registro a partir do uso pela comunidade. **Nature and Conservation**, v.14, n.3, p.52-65, 2021. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2318-2881.2021.003.0004>

INTRODUÇÃO

Em termos conceituais, a palavra “vernacular” refere-se ao que é característico de um país, uma nação ou região. Idiomas e hábitos podem ser vernáculos, assim como processos construtivos de edificações e produção de objetos artesanais. No que tange ao processo construtivo, diz-se que uma determinada edificação apresenta características vernaculares quando os métodos e tecnologias construtivas expressam um dialeto ambiental - cultural de determinada comunidade e os materiais utilizados advém da biodiversidade local (COSTA, 2019; WEBER et al., 2014; OLIVER, 2006; ASQUITH et al., 2005).

Em relação à produção de objetos artesanais, o vernacular refere-se não só à matéria-prima extraída da biodiversidade local (produtos florestais não madeireiros - PFNM), mas às técnicas de confecção compartilhadas através das gerações (SINGH et al., 2019; NEDELICHEVA et al., 2011). Em Comunidades Tradicionais (remanescentes de aldeias indígenas e quilombos) são inúmeros os objetos produzidos tanto para uso diário quanto para comercialização: utensílios domésticos - cestaria, luminárias, cortinas, esteiras, mobiliário, painéis de parede; elementos construtivos para edificações - esquadrias (janelas e portas), estrutura e cobertura; elementos ritualísticos - vestimentas, armamento e biojóias (MEDEIROS, 2019; DUARTE et al., 2018; SANTOS et al., 2016; GARCÉS, 2015; MATTOS, 2011).

De acordo com Silva et al. (2014) e Schmidt et al. (2011), a coleta e venda de produtos florestais não madeireiros (PFNM) da biodiversidade representa importante fonte de renda para comunidades em todo o mundo e é uma forma eficiente de associar conservação à melhoria da qualidade de vida. Segundo Castilho et al. (2017) e Silva et al. (2014), o processo viabiliza baixo impacto ambiental no ecossistema local e, além disso, os objetos produzidos geram representações de diversidade e reforçam a construção da identidade das comunidades (SCHIERHOLT, 2019; CAMPOS et al., 2014).

Considerando o exposto, este artigo apresenta os resultados da pesquisa que objetivou identificar, registrar e descrever os produtos florestais não madeireiros (vegetais) a partir das indicações de uso pela comunidade indígena Tupinambá do Acuípe. O território Tupinambá engloba o Distrito de Águas de Olivença, pertencente ao município de Ilhéus, e estende-se para o sul em direção a Una e a oeste em direção a Buerarema. Estes três municípios situam-se no Litoral Sul do Estado da Bahia, também conhecido como Costa do Cacau.

Pontua-se que o estudo realizado foi de cunho descritivo e de registro, sem pretensões etnológicas. Ou seja, não houve aprofundamento quanto à análise do significado da forma dos objetos confeccionados na cultura Tupinambá; não há discussão aprofundada quanto à representação identitária para a etnia e aspectos da mitologia.

REVISÃO TEÓRICA

Produtos florestais não madeireiros: estudos em âmbito nacional e internacional

De acordo com Elias et al. (2016), o produto florestal não madeireiro (PFNM):

(...) se refere aos diferentes produtos vegetais e animais que se obtêm de ambientes florestais, que podem ser extraídos de florestas naturais, agroecossistemas e de árvores que crescem espontaneamente. Podem ter utilização doméstica, ser comercializados ou ter significado social, cultural ou religioso. Incluem frutas, fibras, sementes, plantas medicinais, aromáticas e apícolas, materiais para artesanato, entre outros.

Trata-se de produtos provenientes de terras “com uso similar à floresta”, enfatizando a colheita a partir de populações naturais (FIEDLER et al., 2008). Segundo Brites et al. (2016) os PFNM “são coletados por centenas de milhares de pessoas no mundo para uso próprio como alimentos, produtos medicinais e matérias-primas para a confecção de artesanato, ferramentas de trabalho e construção civil”.

O processo de coleta não demanda capital financeiro ou infraestrutura e desempenha importante papel para a economia local. Do ponto de vista da conservação da biodiversidade, “a exploração de PFNM é favorável, pois incentiva os habitantes a manterem os ecossistemas naturais em pé, pois deles derivam recursos financeiros” (BRITES et al., 2016). Dentre os estudos analisados em âmbito nacional e internacional (publicados entre 2011 e 2021) relacionados aos PFNM, que nortearam a pesquisa, destacam-se:

Mulu et al. (2020) realizaram um estudo etnobotânico para identificar plantas que vêm sendo utilizadas pela comunidade indígena da área florestal Mbeliling, Indonésia. Os pesquisadores identificaram 158 espécies, destas, 26 servem de alimento, 6 para bebida, 60 para uso medicinal, 38 para construção vernacular de edificações, 26 para confecção de artesanato, 8 para extração de pigmentos, 6 como cosméticos, 7 como pesticidas e 16 utilizadas para rituais tradicionais.

Campos et al. (2019) documentaram, através de um estudo etnobotânico, o uso da palmeira Ouricuri (*Syagrus coronata*) pela comunidade indígena Fulni – ô de Pernambuco, Brasil. Os pesquisadores observaram que a prática da coleta de folhas de Ouricuri é realizada por artesãos mais jovens que, ao diversificarem os recursos para a produção artesanal, incrementaram a geração de renda da comunidade.

Meza et al. (2019) realizaram um estudo etnobotânico para documentar o uso da *Litsea glaucescens* (louro mexicano) em duas vilas do Parque Nacional El Chico, no México. Os pesquisadores registraram 25 usos específicos para a planta, dentre o quais destacaram a utilização das sementes para confecção de artesanato. Singh et al. (2019), através de um estudo etnobotânico, registraram e analisaram o artesanato a partir das folhas secas da *Cymbidium (orchidaceae)* em comunidades tradicionais do Estado de Sikkim, Índia. Os pesquisadores destacaram as atividades dos artesãos da tribo Lepcha no uso da planta para confecção de objetos diversos.

Akesa et al. (2018), por meio de um estudo etnobotânico, identificaram árvores e arbustos em Mbalagh, área do governo local de Bukuru do Estado de Benue. 104 espécies de plantas foram analisadas e agrupadas em famílias de acordo com seus respectivos nomes científicos e populares locais. Os pesquisadores observaram que as árvores das espécies das famílias *Euphorbiaceae* e *Caesalpinoideae* são predominantes. As comunidades locais as utilizam para fins medicinais, alimento e confecção de artesanato.

Barbosa et al. (2018) realizaram um estudo etnobotânico para identificar espécies utilizadas na confecção de peças artesanais por indígenas Xipaya, Kuruaya e Juruna residentes na cidade de Altamira,

Amazônia, Brasil. Os pesquisadores registraram e analisaram as sementes utilizadas pelas comunidades e observou-se a predominância de 19 espécies nativas: Mulungu, Açaí, Ata Amenju, Feijão Brabo, Saboneteira Marrom, Bacaba, Jatobá, Anajá, Patauá, Faveira Grande, Favão, Saboneteira Preta, Paxiúba, Tucum, Sororoça, Coquinho Juarí, Olho-de-boi, Coco e Cabaça.

Anselmo Filho et al. (2018) analisaram a atividade artesanal dos Sateré-Mawé, na Amazônia, Brasil, como difusor da cultura indígena. Os autores afirmaram que o artesanato produzido pela comunidade não impacta o ecossistema local durante a extração da matéria-prima, e constitui-se num importante mecanismo para geração de trabalho e renda. Hosseinnia et al. (2017) analisaram a importância do artesanato e conhecimento indígena para o desenvolvimento sustentável em áreas rurais no Irã. Os resultados mostraram que, ao combinar conhecimento indígena com o conhecimento moderno, os territórios indígenas apresentam potencialidade para o desenvolvimento rural sustentável.

Jesus (2017) examinou os papéis socioeconômicos, políticos e culturais do artesanato produzido pela população indígena que vive em terras homologadas no Rio de Janeiro, Brasil. O pesquisador demonstrou que a produção artesanal permite não só geração de renda, mas reflete a autoafirmação, cultura e resistência à marginalização dos indígenas e conduz à autonomia e desenvolvimento da comunidade.

Pérez et al. (2013) realizaram um mapeamento etnobotânico de sementes utilizadas em colares e outros artefatos comercializados por duas aldeias indígenas Kayapó, no Pará, Brasil. Os pesquisadores analisaram 47 artefatos e observaram que 42 espécies de plantas foram utilizadas. Verificou-se que o artesanato derivado de sementes representa uma alternativa de geração de renda para os índios Kayapó, além de promover a conservação da biodiversidade local.

Abera (2013) realizou um estudo etnobotânico para identificar as plantas que vêm sendo utilizadas para confecção de objetos artesanais e arte cultural pela comunidade Oroma, na Etiópia. O pesquisador identificou 46 espécies de plantas e constatou que 54% dos objetos artesanais foram confeccionados a partir dos troncos das árvores e 46% de arbustos e ervas. Bahru et al. (2012) investigaram, através de um estudo etnobotânico, o conhecimento indígena etíope sobre o uso de matéria-prima advinda da biodiversidade para construção de edificações, arte e artesanato tradicional. Os pesquisadores coletaram 156 espécies e destas, constataram que 79 são utilizadas na construção de habitações e para confecção de utensílios diversos.

Cardini (2012) estudou os saberes e práticas no processo de produção de diferentes objetos artesanais do povo Qom na cidade de Rosario, Argentina, a partir da matéria-prima extraída da biodiversidade local. A pesquisadora mostrou que a produção artesanal é uma das estratégias econômicas da comunidade no contexto urbano e representa sua reivindicação identitária. Os estudos supracitados, pautaram-se na etnobotânica como abordagem teórico-metodológica e empregaram técnicas de pesquisa similares, sendo estas: a) observação participante, considerando roteiro direcionado para identificação e descrição dos espécimes coletados e registro descritivo e visual do artesanato, e b) entrevistas com membras/os das comunidades para compreensão do processo de extração da matéria-prima, confecção

dos objetos artesanais e comercialização.

Quanto aos principais resultados, concluíram que: 1 a extração da matéria-prima (produtos florestais não madeireiros) não impacta os ecossistemas locais e é uma forma eficiente para promover a conservação da biodiversidade; 2 as espécies são utilizadas para alimento, medicina, construção vernacular de edificações, arte tradicional, confecção de artesanato e utensílios diversos; 3 os processos tanto de extração da matéria-prima quanto de uso são transmitidos através das gerações e representam identidade cultural local e 4 a comercialização dos produtos constitui fonte de renda para as comunidades e indicam potencial para a economia criativa.

METODOLOGIA

Aspectos físicos e climáticos da área de estudo

A Terra Indígena Tupinambá, identificada e delimitada pela Funai (cuja demarcação encontra-se em processo de reconhecimento), engloba o Distrito de Águas de Olivença, pertencente ao município de Ilhéus, e estende-se para o sul em direção à Una e a oeste em direção à Buerarema. Os três municípios situam-se no Litoral Sul do Estado da Bahia. A área de abrangência do estudo foi o Acuípe (figura 1).

Segundo Rocha (2018), a Terra Indígena ocupa área equivalente a 47.376 hectares e contabiliza 4.669 indivíduos. O processo de retomada da terra ocorreu em 2001, por meio do reconhecimento do Estado e posterior identificação e regularização fundiária do Território tradicionalmente ocupado pela etnia. De acordo com Alarcon (2020):

No sentido leste-oeste, a Terra Tupinambá se prolonga da costa marítima à cadeia montanhosa conformada pelas Serras das Trempes, do Serrote e do Padeiro. (...) Conformam-se paisagens geomorfológicas diversas: planícies marinhas e fluviomarinhas; tabuleiros costeiros, predominantemente arenosos; mares de morros; e serras e maciços pré-litorâneos. A área é recoberta pela Mata Atlântida e ecossistemas associados, podendo ser identificadas florestas densas abertas, manguezais, restingas, campos de altitude e brejos.

Em relação aos aspectos climáticos, o Litoral Sul da Bahia apresenta clima quente, do tipo tropical sem estação seca. A temperatura média máxima é superior a 24°C e a média das mínimas é de 21°C. O índice pluviométrico é superior a 2000 mm/ano e a umidade relativa do ar fica acima de 60% (NASCIMENTO, 2006).

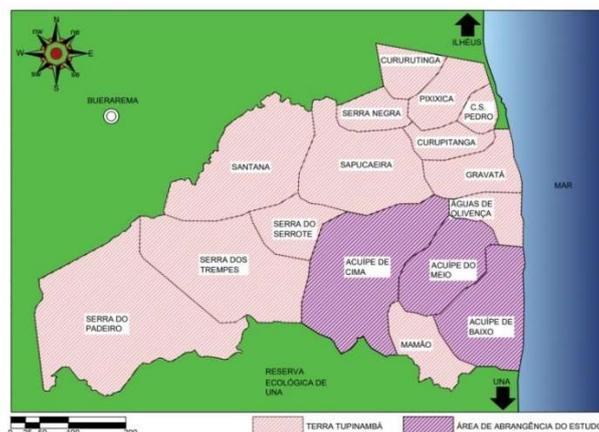


Figura 1: Mapa temático da Terra Indígena Tupinambá, Ilhéus, BA. Destaque - região do Acuípe.
Fonte: Adaptado pelas autoras com base no Relatório Antropológico, FUNAI (2018)

Pontua-se que, de acordo com o IBGE (2010) – última atualização 2012 -, “no Brasil, a grande maioria das pessoas indígenas de 10 anos ou mais de idade residentes nas terras indígenas, estava dividida entre ganhos de até 1 salário-mínimo e os que não possuíam qualquer rendimento nominal mensal”. Especificamente no que tange as maiores etnias do Estado da Bahia, Pataxós (Costa do Descobrimento) e Tupinambás (Litoral Sul da Bahia), cerca de 50% recebiam até um salário-mínimo e 50% não possuíam rendimentos.

Coleta e análise dos dados

O estudo foi desenvolvido considerando aspectos da etnobotânica que, de acordo com Barbosa et al. (2018), “estuda a relação entre a população humana e as plantas nos locais onde vivem, buscando a preservação do conhecimento gerado”. Segundo Franco et al. (2011), a etnobotânica está ancorada em conceitos antropológicos, botânicos e ecológicos. Trata-se de uma ferramenta de pesquisa “que favorece a relação do homem com a vasta diversidade vegetal que, por sua vez, contribui de forma significativa nas enfermidades humanas, nos rituais religiosos e até mesmo em padrões de alimentação” (FRANCO et al., 2011).

Geralmente a ferramenta é utilizada no estudo de plantas medicinais, entretanto, a etnobotânica pode ser empregada em qualquer pesquisa que envolva “grupos culturalmente definidos que possuam nitidamente estreita relação com os recursos naturais e, portanto, um conhecimento histórico e/ou tradicionalmente acumulado” (FRANCO et al., 2011). De acordo com Wanjohi et al. (2020) e Pérez et al. (2013), a etnobotânica pode ser empregada para mapear o uso de produtos florestais não madeireiros derivados de plantas e animais oriundos de florestas naturais e áreas manejadas.

Sendo este o contexto da pesquisa realizada, as etapas do estudo foram iniciadas em fevereiro de 2020, por meio de atividade de campo para coleta e identificação das espécies que vêm sendo usadas pela comunidade Tupinambá do Acuípe para produção artesanal de diversos objetos (desde utensílios domésticos e decorativos, a elementos construtivos de edificações, armamentos, vestimentas e biojóias). Entretanto, em função da Pandemia da COVID 19, as aldeias foram isoladas e assim se encontram desde então.

Sendo assim, optou-se pela entrevista virtual com as/os membras/os da comunidade encarregadas/os pela coleta da matéria-prima e com as artesãs e artesãos. O registro fotográfico dos objetos foi realizado pela pesquisadora responsável pelo estudo que é indígena Tupinambá.

Pontua-se que o estudo está vinculado à Pesquisa “Arquitetura Vernacular como expressão ambiental e cultural em habitações do Litoral Sul da Bahia”, que vem sendo desenvolvida desde 2016 e considerou o protocolo de pesquisa aprovado pelo CONEP nº 2.552.460. As tabelas 1 e 2 apresentam, respectivamente, os roteiros para descrição dos espécimes e dos objetos confeccionados, com base nas entrevistas virtuais e registro fotográfico. Para identificação das espécies consultou-se dados disponíveis na Plataforma Re flora (Herbário Virtual) e no *SpeciesLink*.

Tabela 1: Roteiro para descrição do espécime.

Item do registro	Descrição
Informações relativas ao espécime	
Nome popular	
Nome científico	
Local da coleta	
Características do habitat	
Hábito	
Folhas e flores	

Fonte: Elaborado com base em Peixoto et al. (2013)

Tabela 2: Roteiro para descrição do objeto confeccionado.

Item do registro	Descrição	Fotografia
Informações relativas ao objeto		
Características do objeto		
Material utilizado		
Processo de confecção		
Tempo para confecção		

Fonte: Elaborado com base em Barbosa et al. (2018); Anselmo Filho et al. (2018); Pérez et al. (2013) e Mattos (2011)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A identificação das espécies partiu da análise do registro fotográfico e descrição dos elementos construtivos de edificações, utensílios domésticos e ritualísticos (armas, vestimentas e biojóias), confeccionados pelos Tupinambá do Acuípe. A figura 2 apresenta o mosaico de imagens (dos objetos) obtidas por meio do registro fotográfico (identificadas por número) e a tabela 3 correlaciona cada objeto aos seus respectivos uso e descrição, e identificação da(s) espécie(s) utilizada(s).

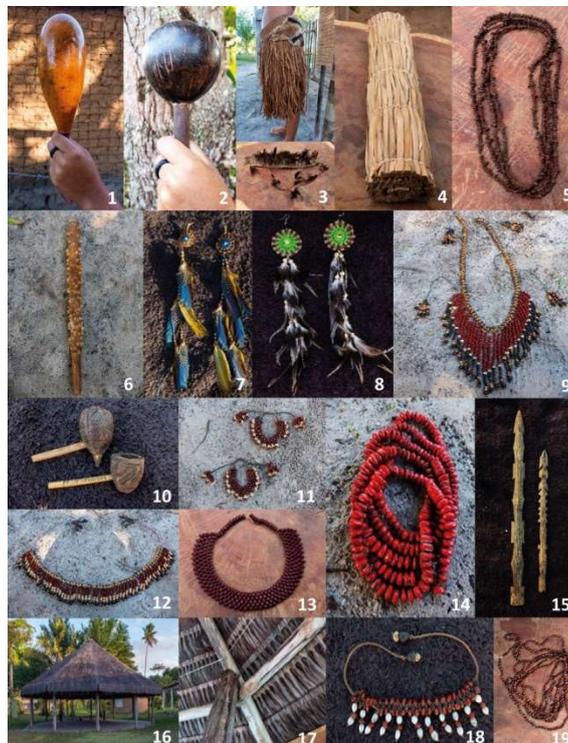


Figura 2: Mosaico do registro de imagens (identificadas por número). Crédito das fotos: autora (indígena Tupinambá)

Tabela 3: Uso/ descrição do objeto e identificação da(s) espécie(s) utilizada(s)

Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
1	Uso: ritualístico e eventos comemorativos	Nome popular: Cabaça Nome científico: <i>Lagenaria siceraria</i> (Curcubitaceae)

	<p>Descrição: Maracá feito de cabaça de cor amarela, fixado em cabo de madeira</p> <p>Tempo para confecção: em torno de 1h</p>	<p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Restinga arbórea</p> <p>Textura do solo local: Arenoso</p> <p>Hábito: Liana/ Terrícola</p> <p>Folhas e flores: trepadeira com folhas grandes. Caule grosso, sulcado longitudinalmente; videira ramificada que sobe por meio de gavinhas ao longo do tronco. Folhagem verde escura, coberta de pelos macios. Flores de cor branca</p>
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
2	<p>Uso: ritualístico e eventos comemorativos</p> <p>Descrição: Maracá feito de coco seco, fixado em cabo de madeira com sementes dentro</p> <p>Tempo para confecção: em torno de 2h</p>	<p>Nome popular: Coco seco</p> <p>Nome científico: <i>Cocus nucifera</i></p> <p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Zona costeira/ restinga</p> <p>Textura do solo local: Arenoso</p> <p>Hábito: Palmeira</p> <p>Folhas e flores: folhas pinadas de 4–6 m de comprimento, com pinas de 60–90 cm. Inflorescência amarela com bráctea</p>
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
3	<p>Uso: traje ritualístico e eventos comemorativos</p> <p>Descrição: tanga e cinto de pele de Tamandua Mirim</p> <p>Saia de imbira, feita da casca da árvore da Biriba</p> <p>Tiara feminina, feita com imbira trançada e penas</p> <p>Tempo para confecção: 8h para confeccionar o traje e cerca de 1h:30min para confecção da tiara</p>	<p>Nome popular: imbira (Biriba)</p> <p>Nome científico: <i>Eschweilera ovata</i></p> <p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Transição de restinga arbórea e floresta pluvial</p> <p>Textura do solo local: Areno-argiloso</p> <p>Hábito: Arbóreo</p> <p>Folhas e flores: folhas com margem levemente serrada, lisas e verde da mesma intensidade em ambos os lados do limbo foliar. Flores amarelas e brancas</p>
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
4	<p>Uso: utensílio doméstico para a comunidade Tupinambá e comercializado</p> <p>Descrição: Esteira feita de taboa, amarrada com barbante branco</p> <p>Tempo para confecção: em torno de 5h</p>	<p>Nome popular: taboa</p> <p>Nome científico: <i>Thypha domingensis/ Thyphaceae</i></p> <p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Alagado</p> <p>Textura do solo local: Arenoso</p> <p>Hábito: Erva (Aquática/ terrícola)</p> <p>Folhas e flores: inflorescência espiga de cor marrom com flores brancas, folhas emergentes, ápice agudo, venação paralelinérvea verde clara</p>
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
5	<p>Uso: ritualístico, eventos comemorativos e comercializado como biojóia</p> <p>Descrição: Colar longo de sementes de fedegoso e linha</p> <p>Tempo para confecção: 3h</p>	<p>Nome popular: fedegoso</p> <p>Nome científico: <i>Senna sp.</i></p> <p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Restinga arbórea</p> <p>Textura do solo local: Arenoso</p> <p>Hábito: Arbóreo</p> <p>Folhas e flores: folhas pequenas e caducas. Flor de cor amarela</p>
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
6	<p>Uso: ritualístico e eventos comemorativos</p> <p>Descrição: Clava de caule de mamica-de-porca</p> <p>Tempo para confecção: 30min</p>	<p>Nome popular: mamica-de-porca ou mamicão</p> <p>Nome científico: <i>Zanthoxylum rhoifolium</i></p> <p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Floresta pluvial</p> <p>Textura do solo local: Argiloso</p> <p>Hábito: Arbóreo</p> <p>Folhas e flores: folhas lisas imparipinadas com acúleos de cor verde clara na parte adaxial e abaxial verde acinzentada. Flores de cor creme - esverdeadas,</p>
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
7	<p>Uso: ritualístico, eventos comemorativos e comercializado como biojóia</p> <p>Descrição: Brinco de fibra de piaçava, penas de arara canindé, cocar e</p>	<p>Nome popular: semente de tapia ou abricó da praia</p> <p>Nome científico: <i>Mimusops coriacea (A. DC.)</i></p> <p>Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)</p> <p>Características do habitat: Praias e mangues</p> <p>Textura do solo local: Arenoso</p>

	semente de tapia Tempo para confecção: 3h	Hábito: Arbóreo Folhas e flores: folhas coriáceo-suculentas. Flores com sépalas externamente ferrugíneas, internamente esverdeadas, pétalas brancas
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
8	Uso: ritualístico, eventos comemorativos e comercializado como biojóia Descrição: Brinco de fibra de piaçava, penas de galinha e semente de açai Tempo para confecção: 3h	Nome popular: semente de açai
		Nome científico: <i>ARECACEAE Euterpe oleracea Mart.</i>
		Local da coleta: Camaçan, Litoral Sul da Bahia
		Características do habitat: Várzea e igapó
		Textura do solo local: Argiloso
		Hábito: Palmeira Folhas e flores: folhas pinadas de arranjo espiralado, inflorescência infrafoliar
Imagens	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
9, 13 e 14	Usos: ritualístico, eventos comemorativos e comercializados como biojóias 9 Descrição: Colar longo de semente de açai na cor natural e tingida de preto, osso de cobra, coquinho e semente de olho de pavão 13 Descrição: Colar curto de semente de olho de pavão tingida 14 Descrição: Pulseira de semente de olho de pavão natural Tempo para confecção: cerca de 5h para cada peça	Nome popular: semente de olho de pavão
		Nome científico: <i>Adenantha pavonina</i>
		Local da coleta: Açupe (Terra Tupinambá)
		Características do habitat: Área antrópica, diversos ecossistemas
		Textura do solo local: argilo-arenoso
		Hábito: Arbóreo Folhas e flores: folhas bipinadas, 3-6 pares de pina, alternas; foliólulos alternos, oblongos ou ovadas. Flores pequenas amarelo-pálidas, favas estreitas e falcadas e sementes vermelhas, muito duras e lustrosas
Imagens	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
10, 16 e 17	Uso: objetos ritualísticos, biojóias e elementos construtivos 10 Descrição: Cachimbo de coco de piaçava Tempo para confecção: 3h 16 Descrição: Estrutura construída com madeira biriba e coberta com piaçava 17 Descrição: Detalhe da cobertura de piaçava Tempo para confecção: cerca de 30 dias	Nome popular: piaçava
		Nome científico: <i>Attalea funifera Mart.</i>
		Local da coleta: Açupe (Terra Tupinambá)
		Características do habitat: Restinga arbórea
		Textura do solo local: sílico-argiloso
		Hábito: Palmeira Folhas e flores: folhas pinadas, reduplicadas; bainha aberta e não formando uma coroa no ápice do estipe
Imagens	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
11 e 19	Usos: ritualístico, eventos comemorativos e comercializados como biojóias 11 Descrição: Pulseira de semente de olho de pavão, semente de açai e olho de cabra 19 Descrição: Colar longo de semente de olho de cabra Tempo para confecção: cerca de 5h para ambas as peças	Nome popular: semente olho de cabra
		Nome científico: <i>Ormosia arborea</i>
		Local da coleta: Açupe (Terra Tupinambá)
		Características do habitat: Floresta Ombrófila Densa Montana
		Textura do solo local: Argiloso
		Hábito: Arbóreo Folhas e flores: folhas compostas imparipinadas recobertas por tricomas de coloração castanho-avermelhada, com foliólulos (9-11) coriáceos, com venação craspedódroma (enervação pinada, com nervuras laterais terminando nas margens da folha) na face inferior. Flores pequenas, roxas, formadas em panículas terminais e axilares
Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
12	Uso: ritualístico, eventos comemorativos e comercializado como biojóia Descrição: Colar curto de semente de açai tingida de preto, osso de cobra, coquinho (licuri) e semente de olho de pavão Tempo para confecção: cerca de 5h	Nome popular: coquinho (Licuri)
		Nome científico: <i>Syagrus coronata</i>
		Local da coleta: Região de Porto Seguro (Costa do Descobrimento)
		Características do habitat: bioma da Caatinga
		Textura do solo local: Argiloso
		Hábito: Palmeira Folhas e flores: folhas com mais ou menos 3 m de comprimento, pinadas de pecíolo longo com bainha invaginante; foliólulos, de coloração verde-escura, arrançados em vários planos. Flores amarelas pequenas com perianto não vistoso

Imagem	Uso/ Descrição/ tempo para confecção do objeto	Identificação da espécie
15	Uso: ritualístico, eventos comemorativos e comercializado como elemento decorativo Descrição: Lança de tucum Tempo para confecção: cerca de 4h	Nome popular: tucum
		Nome científico: <i>Astrocaryum sp.</i>
		Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)
		Características do habitat: Mata Atlântica/ Planta perenifolia, heliófita, nativa da mata pluvial amazônica
		Textura do solo local: Arenoso
		Hábito: Palmeira
		Folhas e Flores: folhas pinadas. Flores creme-amareladas
18	Uso: ritualístico, eventos comemorativos e comercializado como biojóia Descrição: Colar curto de semente lágrima de Nossa Senhora , semente de olho de pavão, biri e dois coquinhos Tempo para confecção: cerca de 5h	Nome popular: Semente de lágrima de nossa senhora
		Nome científico: <i>Coix lacryma-jobi/ Poaceae</i>
		Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)
		Características do habitat: Originária da Ásia tropical e naturalizada em quase todo o Brasil
		Textura do solo local: Arenoso
		Hábito: Erva
		Folhas e flores: folhas cartáceas, glabras, com margens serrado-espinoscentes, de 10-20 cm de comprimento. Inflorescências terminais, em racemos curtos e inclinados
		Nome popular: biri
		Nome científico: <i>Canna indica</i>
		Local da coleta: Acuípe (Terra Tupinambá)
		Características do habitat: próxima à praia
		Textura do solo local: Arenoso
		Hábito: rizomatoso, apresentando rizoma horizontal e ramificado, com a emissão de caule aéreo ereto
		Folhas e flores: folhas lisas, finas e largas. Flores amarelas, alaranjadas, rosadas, avermelhadas, carmins e mistura de duas ou mais cores

Ao todo 15 espécies foram identificadas e são predominantes nos objetos registrados: Tucum, Biriba, Piaçava, Cabaça, Coco seco, Taboa, Mamica – de – porca, sementes de Fedegoso, Açaí, Olho de cabra, Olho de pavão, Lágrima de Nossa Senhora, Tapia, Biri e Coquinho (Licuri). Algumas são abundantes e extraídas no/do Acuípe, outras adquiridas em municípios do Litoral Sul e Costa do Descobrimento da Bahia.

Pontua-se que, de acordo com Costa (2019), as comunidades Tupinambá utilizam especificamente para construção vernacular das edificações (trama das paredes de pau-a-pique e estrutura da cobertura), além do Tucum (*Astrocaryum sp.*): a Biriba (*Eschweilera ovata*), o Aderno (*Emmotum affine Miers*), a Inhaíba (*Lecythis lurida (Miers) S. A. Mori*) e o Musserengue (*Vochisia lucida Klotzsch ex M.R. Schomb*).

A cobertura das edificações geralmente constitui-se de telha fibrocimento, em função do baixo custo para aquisição. Entretanto, a piaçava (*Attalea funifera*) é utilizada como cobertura das edificações em formato arredondado, mas sem elementos de vedação (paredes). Segundo Costa (2019), em algumas aldeias é possível encontrar a cobertura feita de Maribu (*Becquerelia Cymosa*). A piaçava é encontrada não só no Acuípe, mas na área de abrangência da Terra Tupinambá. Sua fibra também é utilizada para confecção de biojóias e o fruto usado em utensílios como o cachimbo, este último decorado com grafismo.

O tempo para confecção dos objetos supracitados varia de acordo com a complexidade. As edificações arredondadas, sem elementos de vedação (paredes), levam entre 20 e 30 dias para estruturação e cobertura. Já as biojóias e outros utensílios em torno de 3h. Pontua-se que os Tupinambá do Acuípe comercializam a fibra da piaçava para outras localidades do Litoral Sul da Bahia.

A Biriba (*Eschweilera ovata*) não se restringe à estrutura de edificações, é utilizada para confecção do traje usado em rituais e eventos comemorativos. A saia de Imbira é feita da casca da árvore, assim como as tiaras femininas, confeccionadas com Imbira trançada e penas. O tempo para confecção do traje completo leva cerca de 8 a 9h. Segundo as/os coletoras/es, o processo para extração da Imbira implica nas seguintes etapas: etapa 1 – escolha da árvore matriz; etapa 2 – delimitação da área para corte da casca ao lenho da árvore, atentando para não atingir 50% de seu diâmetro. Etapa 3 – extração da Imbira: utiliza-se um pedaço de madeira para bater sobre a área demarcada, para que a casca se desprenda.

Dentre os eventos ritualísticos mais importantes para a etnia, os Tupinambá do Acuípe destacam o Poranci que reúne em sua estrutura dança, cantos, rezas e a sonoridade dos maracás. De acordo com Rocha (2018):

É especialmente na realização deste ritual que os indígenas encontram um dos meios de comunicação com os Encantados, considerados seres espirituais ou “extra-humanos”. (...) o Poranci é um momento especial, ocasião em que se permite a conexão entre as várias dimensões do cosmos e as dinâmicas próprias da vida em sociedade. O Poranci ou apenas ritual, como os Tupinambá geralmente se referem, precede e encerra alguns contextos coletivos como reuniões, comemorações e/ou encontros de caráter político e sociocultural.

Além do Poranci e eventos comemorativos dentro e/ou fora das aldeias, o traje também é usado durante os movimentos de luta pelo direito indígena, como a Caminhada Tupinambá que acontece anualmente (geralmente no último domingo de setembro) em Memória aos Mártires do Massacre do Rio Cururupe, localizado próximo ao Distrito de Águas de Olivença, Ilhéus, BA.

Outra matéria-prima que não se restringe ao uso para construção vernacular das edificações é o Tucum (*Astrocaryum sp.*). A espécie é utilizada para confecção de lanças, acessório em eventos ritualísticos e comemorativos e comercializadas como elemento decorativo. Já a Mamica-de-porca (*Zanthoxylum rhoifolium*) é usada para confecção da clava e se constitui em acessório do traje em eventos ritualísticos e comemorativos.

A cabaça (*Lagenaria siceraria Curcubitaceae*), o coco seco (*Cocus nucifera*) e a Taboa (*Thypha domingensis*) são encontrados no Acuípe. Os dois primeiros usados para confecção dos maracás utilizados no Poranci. Também podem constituir utensílios de uso doméstico, como combucas. A Taboa é usada para confecção de esteiras, tanto para uso doméstico quanto para comercialização. De acordo com as/os coletoras/es e artesãs e artesãos, o processo implica em, após colheita da matéria-prima, secagem por pelo menos 1 semana ao sol. Posteriormente, leva-se em torno de 5h para confecção da esteira.

Sementes de Fedegoso (*Senna sp.*), Açai (*Euterpe oleraceae*), Olho de cabra (*Ormosia arborea*), Tapia (*Mimusops coriacea A. DC.*), Biri (*Canna indica*), Olho de pavão (*Adenantha pavonina*), Lágrima de nossa senhora (*Coix lacryma-jobi/ Poaceae*) e o Coquinho – Licuri (*Syagrus coronata*) são utilizados para confecção de biojóias: brincos, pulseiras, colares longos e curtos. As peças são usadas tanto em eventos ritualísticos, quanto comemorativos e movimentos de luta por direitos. As biojóias também são produzidas para comercialização. As sementes de Açai e o Coquinho – Licuri são a única matéria-prima adquirida em outras localidades, especificamente em Camacan e Porto Seguro, respectivamente situados no Litoral Sul e Costa do Descobrimento da Bahia. O tempo para confecção das biojóias varia de 3 a 5h.

De acordo com as artesãs e artesãos Tupinambá do Acuípe, o uso de recursos naturais da biodiversidade local seja para construção vernacular das edificações, confecção artesanal de utensílios domésticos e decorativos e dos elementos para uso ritualístico, reaviva e fortalece a identidade Tupinambá que se encontra em processo de reconstrução desde a retomada da Terra pela etnia no início da primeira década do século XXI. Segundo as/os coletoras/res a extração da matéria-prima não impacta o ecossistema local, pois retira-se apenas o estritamente necessário para a finalidade a que se destina. Além disso, a comercialização da piaçava, dos objetos artesanais de uso doméstico, decorativos e biojóias, representa fonte de renda complementar para a maioria das famílias da comunidade.

CONCLUSÃO

Este artigo apresentou 15 produtos florestais não madeireiros (vegetais) identificados a partir da indicação de uso predominante pela comunidade indígena Tupinambá do Acuípe. O processo partiu do registro e descrição dos objetos confeccionados com matéria-prima extraída dos recursos naturais da área de abrangência do estudo.

Os objetos podem ser categorizados em três tipologias: 1 edificações vernaculares; 2 utensílios artesanais para uso doméstico e decorativo e 3 elementos ritualísticos e usados em eventos comemorativos dentro e fora das aldeias Tupinambá e em movimentos de luta por direitos. O uso das espécies não é restrito a uma ou outra tipologia. O Tucum e a Biriba, por exemplo, são usados tanto para construção vernacular de edificações quanto para confecção artesanal de elementos ritualísticos, tais como vestimentas e armamentos. A piaçava é utilizada como elemento de cobertura de edificações e para confecção de biojóias. A Taboa e o Coco seco para confecção dos maracás utilizados no Poranci e de cumucas para uso doméstico.

O processo de extração da matéria-prima não impacta o ecossistema local do Acuípe e contribui para o resgate e fortalecimento da identidade da etnia Tupinambá. A comercialização de seus produtos florestais não madeireiros é fonte de renda complementar para as famílias da comunidade. Por fim, registra-se que a pesquisa se expandirá para as demais áreas da Terra Tupinambá e contemplará a coleta *in loco* de espécimes para herborização, que envolve a confecção de exsicatas para inclusão em herbário. As atividades ocorrerão a partir do segundo semestre de 2022.

REFERÊNCIAS

ABERA, B.. Plants used in material culture in Oromo community, Jimma, Southwest Oromia, Ethiopia. **African Journal of Plant Science**, v.7, n.7, p.285-299, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5897/AJPS2013.1010>

AKESA, T. M.; INJOALU, N. C.; ZAKAWA, N. N.. An ethnobotanical survey of trees and shrubs in Mbalagh - Buruku local Government area of Benue State. **Global Scientific Journals**, v.6, n.2, p.17-32, 2018.

ALARCON, D. F.. **O retorno da Terra**: as retomadas na Aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, Sul da Bahia. São Paulo: Elefante, 2020.

ASQUITH, L.; VELLINGA, M.. **Vernacular Architecture in the Twenty-first century**. New York: CRC Press, 2005.

BAHRU, T.; ASFAW, Z.; DEMISSEW, S.. Indigenous Knowledge on Plant Species of Material Culture (Construction, Traditional Arts & Handicrafts) used by the Afar & Oromo Nations in & Around the Awash National Park, Ethiopia. **Global Journal of Human Social Science Geography & Environmental GeoSciences**, v.12, n.11, p.1-23, 2012.

BARBOSA, N. M.; HERRERA, R. C.; PARRY, M. M.; PARRY, S. M.; SANTANA, N. C.. Contribuição da flora nativa no artesanato produzido por índios urbanos na Amazônia. **Biota Amazônica**, v.8, n.3, p.53-56, 2018. DOI:

<http://dx.doi.org/10.18561/21795746/biotaamazonia.v8n3p53-56>

BRITES, A. D.; MORSELLO, C.. Efeitos ecológicos da exploração de produtos florestais não madeireiros: uma revisão sistemática. **Desenvolvimento & Meio Ambiente**, v.36, p.55-72, 2016. DOI:

<https://doi.org/10.5380/dma.v36i0.43924>

CAMPOS, J. L. A.; ARAÚJO, E. L.; GAOUE, O. G.; ALBUQUERQUE, U. P.. Socioeconomic Factors and Cultural Changes Explain the Knowledge and Use of Ouricuri Palm (*Syagrus coronata*) by the Fulni-ô Indigenous People of Northeast Brazil. **Econ Bot**, v.73, p.187-199, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12231-019-09457-0>

CAMPOS, J. A.; HAMADA, M. O. S.. Levantamento das sementes florestais utilizadas na confecção de artesanato no município de Altamira, Pará. **Enciclopédia Biosfera**, v.10, n.18, p.2099-2107, 2014.

CARDINI, L. A.. Producción artesanal indígena: saberes y prácticas de los Qom en la ciudad de Rosario. **Horizonte Antropológico**, v.18, n.38, p.101-132, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200005>

CASTILLO, M. A.; DORSA, A. C.; SANTOS, M. C. L. F.; OLIVEIRA, M. M. G.. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Iconografia**, v.13, n.3, p.191-202, 2017. DOI: <https://dx.doi.org/10.20435/inter.v18i3.1518>

COSTA, S. K.. Sustainability of the vernacular dwelling's construction process in the indigenous village Itapoã Tupinambá of Olivença/BA/Brazil. **RICIA**, v.10, n.1, p.64076, 2019. DOI: <https://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2019.001.0006>

DUARTE, L. S.; OLIVEIRA, L. S.; SOUZA, M. H. Q. C. G.. Análise da qualidade em protótipos de bolsas de folha defumada líquida, folha semi artefato e laminado vegetal industrial. **Revista Produção Industrial e Serviços**, v.5, n.1, p.87-102, 2018.

ELIAS, G. A.; SANTOS, R.. Produtos florestais não madeireiros e valor potencial de exploração sustentável da Floresta Atlântica no sul de Santa Catarina. **Ciência Florestal**, v.26, n.1, p.249-262, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/1980509821117>

FIEDLER, N. C.; SOARES, T. S.; SILVA, G. F.. Produtos Florestais Não Madeireiros: Importância Manejo Sustentável da Floresta. **Revista Ciências Exatas e Naturais**, v.10, n.2, p.263-278, 2008.

ANSELMO FILHO, S. A.; LIMA, M. V.; CASTRO, M. A. M.. Artesanato Sateré-Mawé: potencialidades de inclusão socioeconômica e acesso às políticas públicas nas urbes amazônicas. **Mutações**, v.10, n.17, p.26-36, 2018.

FRANCO, F.; FERREIRA, A. P. N. L.; FERREIRA, M. L.. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Caderno de Cultura e Ciência**, v.10, n.2, p.17-23, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/cad.cult.cienc.v10i2.407>

GARCÉS, C. L. L.; PÉREZ, S. E. G.; SILVA, J. A.; ARAÚJO, M. O.; FERREIRA, M. C.. Objetos indígenas para o mercado: produção, intercâmbio, comércio e suas transformações. Experiências Ka'apor e Mebêngôkre-Kayapó. **Ciências Humanas**, v.10, n.3, p.659-680, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1981-81222015000300009>

PÉREZ, S. E. G.; ROBERT, P.; FERREIRA, M. C.. Seed Use and Socioeconomic Significance in Kayapó Handicrafts: a case study from Pará State, Brazil. **Econ Bot**, v.67, p.1-16, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12231-013-9220-0>

HOSSEINIA, E.; SHOJA, B.. The role of handicrafts in the sustainable development of rural tourism with an emphasis on indigenous knowledge. **International Journal of Geography and Geology**, v.6, n.1, p.17, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18488/journal.10/2017.6.1/10.1.1.7>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais dos indígenas**. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010.

MATTOS, C. L. G.. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A.. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p.49-83.

MEDEIROS, A. M. M.. **Comunidade SAHU-APÉ: produção artesanal e os desdobramentos sociais**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2019.

MULU, M.; NTELOK, Z. R. E.; SII, P.; MULU, H.. Ethnobotanical knowledge and conservation practices of indigenous people of Mbeliling Forest Area, Indonesia. **Biodiversitas Journal of Biological Diversity**, v.21, n.5, p.1861-1873, 2020

NASCIMENTO, L.. **Caracterização geoambiental da linha de costa da Costa do Cacau**: Litoral Sul da Bahia. Dissertação (Mestrado em Ciências Geológicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

NEDELICHEVA, A.; DOGAN, Y.; PETKOVIC, D. O.; PADURE, I. M.. The Traditional Use of Plants for Handicrafts in Southeastern Europe. **Human Ecology**, v.37, n.2, p.1-19, 2011. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10745-011-9432-9>

OLIVER, P.. **Built to meet needs: cultural issues in Vernacular Architecture**. Oxford: Elsevier, 2006.

MEZA, D. O.; SILVA, M. T. P.; ARRUDA, J. O. C.; SILVA, C. J.. Ethnobotanical study of the Mexican Laurel in El Chico National Park, Mexico: a quantitative perspective. **Ethnobiology Letters**, v.10, n.1, p.1-13, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14237/eb1.10.1.2019.1427>

PEIXOTO, A. L.; MAIA, L. C.. **Manual de Procedimentos para Herbários**. Recife, 2013.

ROCHA, C. C.. Notas sobre cosmopolítica Tupinambá. **Equatorial**, v.5, n.9, p.14-35, 2018.

SANTOS, K. M. P.; SILVA, R. J. N.. O uso dos recursos naturais do cerrado para produção artesanal: um estudo de caso entre os índios Krahô. **Revista NERA**, n.33, p.30-46, 2016. DOI: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i33.3109>

SCHIERHOLT, A. F. P.. **A produção de biojóias no norte do Brasil: como as sementes são ressignificadas em redes de sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SCHMIDT, I. B.; SAMPAIO, M. B.; FIGUEIREDO, I. B.; TICKTIN, T.. Fogo e Artesanato de Capim dourado no Jalapão: usos tradicionais e consequências ecológicas. **Biodiversidade Brasileira**, n.2, p.67-85, 2011.

SILVA, A. I. R.; MUNHOZ, A. N. R.; ARAUJO, J. S.. O uso do recurso natural: as sementes de espécies florestais na confecção de biojóias no município de Lábrea-AM. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFAM**, v.4, p.24-29, 2014.

SINGH, D. R.; PAMARTHI, R. K.; KUMAR, R.; RAI, D.; MEITEI, A. L.; BABU, P. K.. Traditional artifacts from dried leaves of *Cymbidium* species (orchidaceae) in Indian state of Sikkim. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, v.18, n.2, p.390-394, 2019.

JESUS, D. S. V.. Economia criativa e resistência: o artesanato indígena no Estado do Rio de Janeiro. **Ciências Sociais UNISINOS**, v.53, n.2, p.349-362, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.2.19>

WANJOHI, B. K.; NJENGA, E. W.; SUDO, V.; KIPKORE, W. K.; MOORE, H. L.; DAVIES, M. I. J.. Ethnobotanical study of traditional knowledge, sustainable uses and management of indigenous non-medicinal plants among the Marakwet Community (Embobut Basin), Elgeyo Marakwet County (Kenya). **Ethnobotany Research and Applications**, v.20, n.1, p.1-16, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.32859/era.20.1.1-16>

WEBER, W.; YANNAS, S.. **Lessons from Vernacular Architecture**. New York: Routledge, 2014.

A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detém os direitos materiais desta publicação. Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas sob coordenação da **Sustenere Publishing**, da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.